

# UMA LEITURA DAS RELAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS DA REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DO MATERIALISMO HISTÓRICO DE KARL MARX.

Douglas Emmanuel Gomes De Oliveira <sup>1</sup>

Mukabi Misik Senga Pierre <sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo se propôs uma análise acerca da sociedade contemporânea brasileira, a fim de se fazer uma leitura sobre as relações sociais dentro do conceito de materialismo histórico apresentado pelo filósofo Karl Marx. Trata-se aqui de apresentar os conceitos de materialismo histórico e alienação para que se possa ter uma investigação sobre as relações sociais contemporâneas e explicar os desafios e ganhos que Karl Marx apresenta com a sua nova corrente materialista. Nessa visão, a sociedade contemporânea em destaque é marcada por um sistema histórico de alienação e opressão sobre aqueles que estão à margem do sistema social. Por esse viés, dentro da sociedade brasileira essa opressão e alienação é resultado de uma enxurrada de interesses daqueles que estão no poder e que sentem a necessidade de utilizar os mais pobres como objetos. Desta forma, o problema de pesquisa proposto é desvendar como as relações sociais sustentam um sistema opressor e alienador na sociedade contemporânea do Brasil com o objetivo de se analisar os limites impostos pelas relações sociais contemporâneas. Desta maneira, a fim de recolher dados que possam acrescentar a uma reflexão sobre o estudo das relações sociais contemporâneas, apresenta como metodologia uma pesquisa bibliográfica e descritiva que tem como base a obra “Conceito Marxista do Homem. Apêndice Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844 de Karl Marx” do filósofo Erick Fromm.

**Palavras-chave:** Realidade Brasileira. Alienação. Libertação. Opressor. Oprimido.

## ABSTRACT

The article proposes an analysis of the Brazilian contemporary society, in order to read about social relations within the concept of historical materialism presented by philosopher Karl Marx. The aim is to present the concepts of historical materialism and alienation in order to investigate contemporary social relations and explain the challenges and gains that Karl Marx presents with his new materialist theory. In this view, the highlighted contemporary society is marked by a historical system of alienation and oppression of those who are on the margins of the social system. For this reason, within Brazilian society this oppression and alienation is the result of a flood of interests from those in power and who feel the need to use the poorest as objects. Thus, the proposed research problem is to unveil how social relations

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Filosofia da UNISALES de Vitória- ES. Douglasmc1812@Gmail.com

<sup>2</sup> Licenciado em Filosofia história USF/ São Paulo, Mestre em Filosofia em PUC São Paulo, IBNSENGA@Hotmail.com

sustain an oppressive and alienating system in contemporary Brazilian society, with the aim of analyzing the limits imposed by contemporary social relations. Thus, in order to collect data that can add to a reflection on the study of contemporary social relations, it presents as its methodology a bibliographical and descriptive research based on the work “Marxist Concept of Man. Appendix Karl Marx's 1844 Economic and Philosophical Manuscripts” by philosopher Erick Fromm.

**Keywords:** Reality Brazilian. Alienation. Release. Oppressor. Overwhelmed.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo possui como tema “Uma leitura das relações sociais contemporâneas brasileiras a partir do materialismo histórico de Karl Marx”. Dessa maneira, o artigo trata de apresentar uma análise sobre a sociedade contemporânea brasileira e as relações sociais que a fundam, a partir dos conceitos marxistas de alienação e da nova proposta materialista de Karl Marx.

Dessa forma, a sociedade em destaque é marcada por um dualismo entre os burgueses e proletários, que possui em si uma relação que gera um processo alienatório e opressor em ambos os sujeitos sociais. Assim se resulta em uma “desumanização” dos indivíduos sociais, assim, tal artigo possui como problema de pesquisa fazer uma análise de como as relações sociais sustentam um sistema opressor e alienador na sociedade contemporânea brasileira.

O materialismo histórico de Karl Marx tem como umas de suas propriedades demonstrar um caminho de libertação do sujeito em meio as amarras sociais que podemos extrapolar para a sociedade contemporânea brasileira. De tal forma que com o método marxista, o indivíduo toma consciência de sua situação oprimida e alienada e começa a traçar um caminho para restaurar a sua humanidade e a sua dignidade enquanto ser ativo e livre, de tal forma que o trabalho está ligado a analisar os limites impostos pelas relações sociais contemporâneas brasileiras sobre o olhar dos “Manuscritos Econômicos e filosóficos de 1844 de Karl Marx” (1983).

Tal investigação bibliográfica e descritiva apresenta dados sobre as relações sociais contemporâneas e uma proposta de caminho de libertação das prisões sociais que são inseridas e enraizadas na sociedade vigente. Na medida que ao decorrer deste artigo será apresentado o conceito de alienação, materialismo histórico e uma discussão sobre as relações sociais contemporâneas em destaque com base na

seguinte obra “Conceito Marxista Do Homem, Apêndice: Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844 de Karl Marx” (1983).

Dessa maneira, os objetivos específicos dessa pesquisa estão ligados em apresentar o conceito de alienação, materialismo histórico na busca de se desvendar como tais conceitos influenciam as relações presentes na sociedade contemporânea brasileira e quais as consequências trazidas por esse processo de desumanização dos sujeitos. Ainda nesse olhar, tal pesquisa vai arrecadar dados para se compreender como o materialismo histórico de Karl Marx auxilia no processo de libertação dos indivíduos na sociedade contemporânea brasileira, a fim de explanar quais as dificuldades que a sociedade enfrenta em meio a um sistema que apresenta métodos padronizados e limitantes em relação aos indivíduos e os fundamentos e limitações que causa o endurecimento da consciência desses.

Nesse viés, como já foi explanado às relações sociais contemporâneas dentro do sistema brasileiro possuem como característica a alienação e a opressão dos sujeitos. Assim, a sociedade contemporânea é marcada por alguns instrumentos sociais que servem para manter e sustentar tal sistema opressor e alienatório no contexto da sociedade brasileira. Em vista disso, alguns dos sistemas que a pesquisa apresenta para responder tal problemática, estão ligados a uma visão religiosa, histórica, social e soberana da sociedade contemporânea do Brasil.

Por essa mesma via, nota-se que o objetivo geral desta pesquisa está em desvendar e apontar as relações opressoras em meio a sociedade contemporânea na visão de se alcançar a liberdade dos sujeitos e trazer de volta a sua dignidade enquanto indivíduo. Por tal meio, fica claro que o trabalho apresentado vai ser um meio de levar luzes às sombras presentes da arbitrariedade na sociedade contemporânea em destaque, ou seja, trazendo em evidência tudo aquilo que gera situações alienatórias e liberáveis dentro do sistema social brasileiro. Em uma perspectiva particular, o que esse tema tem a propor para os oprimidos e os opressores é um caminho de libertação para se viver em harmonia e de maneira digna e consciente de si mesmos.

Em concordância a isso, o artigo propõe por meio dessa pesquisa apresentar a sociedade contemporânea brasileira uma proposta de reflexão sobre as relações presentes em sua sociedade, que possui um caráter dominador sobre os sujeitos.

## 2.PRINCIPAIS CONCEITOS MARXISTAS

### 2.1 ALIENAÇÃO

A filosofia de Karl Marx destaca insistentemente a questão da alienação, seja ela vista no trabalho, família ou por meio dos sistemas sociais- institucionais da sociedade brasileira-. Dessa maneira, para entender como acontece esse processo alienatório é necessário antes conceituar o que é alienação, assim, Segundo Marx apresenta em seus escritos uma definição do conceito de alienação:

A alienação (ou alheamento) significa, pra Marx, que o homem não se vivencia como agente ativo de seu controle sobre o mundo, mas que o mundo (a natureza, os outros, e ele mesmo) permanece alheio ou estranho a ele. Eles ficam acima e contra ele como objetos, malgrado possam ser objetos por ele mesmo criados. Alienar-se é, em última análise, vivenciar o mundo e a si mesmo passivamente, receptivamente, como o sujeito separado do objeto (Apud FROMM,1983, p.50).

Mediante o exposto, a alienação é a perda de consciência do indivíduo sobre si mesmo e de suas próprias ações, ou seja, o sujeito alienado perde aquilo que é mais precioso em si, a sua identidade, para se submeter a uma opressão que gera como consequência um caminho de transformação do sujeito ativo – consciente- ao sujeito passivo – inconsciente. Diante disso, os indivíduos alienados são transmutados em coisa, mercadoria, objeto e perdem seu valor de seres humanos por estarem submissos a uma instituição ou a um “dono”. Com efeito, esses sujeitos passam a usar de seus conhecimentos em prol de um senhor e se esquecem de favorecer a si mesmos , sendo que, “[...] em vez de experimentar-se com a pessoa criadora, só entra em contato consigo mesmo através da adoração ao ídolo [...] e só entra em contato consigo mesmo de maneira indireta, e submetendo-se a vida indireta nos ídolos” (FROMM,1983, p. 51), passando a sua felicidade, o seu prazer e a sua utilidade para as mãos de um opressor que os usa para autopromover-se e satisfazer as suas necessidades.

Todavia, o mais evidente meio de alienação na sociedade contemporânea brasileira se dá no trabalho, onde, de acordo com Marx, (apud FROMM,1983, p.53) “[...] o processo de alienação manifesta-se no trabalho e na divisão do trabalho. O trabalho é para ele o relacionamento ativo do homem com a natureza, a criação de um

mundo novo, incluindo a criação do próprio homem [...]”, demonstrando assim, que o trabalho quando não alienado, mostra o lado mais subjetivo do homem na relação consigo mesmo e com a natureza. Entretanto, a alienação levou o homem a perder aquilo que antes era visto como uma manifestação externa de si mesmo a uma expressão de sua dor causada por sistemas opressores.

Em consonância a isso, o trabalhador perde a sua essência por não mais fazer aquilo que lhe era uma satisfação pessoal, passando assim, a negar a si mesmo e não mais a se reconhecer em seu trabalho. Além disso, de acordo com Barbara Calçado (2017, p.1) sobre essa visão do trabalho; Vemos:

O trabalho que deveria ser humanizado, sob o capitalismo é o seu contrário, pois na forma de mercadoria: é alienante – por que o trabalhador desconhece o próprio processo produtivo e o valor se agrega ao produto, além de não se identificar com os produtos de seu trabalho explorador [...].

Em conformidade com o que foi apresentado, dentro da sociedade contemporânea do Brasil existem instituições que ajudam no processo de alienação dos indivíduos, além da divisão do trabalho. Temos como exemplos, algumas faces desses ídolos alienatórios e opressores, como a religião, as instituições de ensino, a política e entre outros meios que trazem em si um caráter opressor que retiram a dignidade dos indivíduos sociais. Desta forma, “a idolatria é sempre a adoração de algo em que o homem colocou suas próprias forças criadoras e a que agora se submete [...]” (FROMM,1983, p. 51), assim, por meio dessas instituições os sujeitos alienados perdem a sua consciência e tornam a sua vida uma ilusão, considerando-se senhor sobre as coisas da natureza, mas, tornando-se escravo de suas próprias criações.

Porquanto, tal processo gera nos sujeitos um sentimento de aprisionamento e de sofrimento, assim, o trabalho alienado frustra o homem e retira de si a sua dignidade e toda a sua produtividade, ou seja, ele se sente oprimido e abandonado. “Enquanto o homem se torna, pois, alienado de si mesmo, o produto de seu trabalho torna-se um objeto estranho que o domina. [...]” (FROMM,1983, p. 53), o homem afasta-se de sua própria essência e retira-se tudo aquilo que outrora era apresentado como supremacia do homem. Assim, o indivíduo constrói um mundo pelo seu trabalho, mas não se identifica nele.

Inclusive, a relação dominadora sobre os homens perpassa no processo de produção de todas as coisas realizadas. Assim, todas as ferramentas de trabalho

são meios de tortura para os indivíduos, pois, pouco a pouco a cada objeto finalizado é retirada a sua alma. Nesse mesmo olhar, assim ele se torna um produto que é vendido aos burgueses; ídolos; senhores, sendo que, vende-se a si mesmo na forma de sua força de trabalho em troca de um salário que seria como uma recompensa para destruir a si mesmo.

## 2.2 MATERIALISMO HISTÓRICO

Para entender o materialismo histórico de Karl Marx, é necessário trazer a distinção da corrente filosófica do materialismo e da proposta trazida pelo filósofo nesse novo olhar sobre o material. Dessa maneira, a corrente em questão traz a matéria em movimento como primazia em relação a todas as coisas existente, afirmando assim, a origem, essência e fundamento de todo o universo ligado a matéria. Por esse mesmo viés, os pioneiros dessa corrente filosófica são os filósofos Pré-socráticos que afirmavam a matéria como o seu Ser supremo.

Em vista disso, Marx apresenta em seus escritos sobre o material a perspectiva do idealismo dentro do seu conceito materialista, como se em um movimento dialético fosse a sua antítese. Desta forma, o idealismo apresenta uma filosofia que é capaz de se conhecer a essência das coisas não pelo mundo material, ou seja, dos sentidos, mas sim por essências que sejam incorpóreas- fora do plano sensível - como se tem na filosofia platônica.

Nesse olhar, o materialismo apresentado por Karl Marx vai em certo contraponto ao dos filósofos antigos, ou seja, Marx apresenta um materialismo que transcende ao apresentado pelos filósofos Pré-socráticos. Por conseguinte, Karl Marx vai combater esse materialismo por ele denominado de burguês que excluía a história e seus processos. Desta maneira, em vista dessas problemáticas ele apresenta um novo método materialista que é denominado por seus comentadores de Materialismo Histórico ou Dialético por conta do seu método materialista.

Erich Fromm (1983, p.20) sobre o método materialista de Karl Marx afirma que “Implica o estudo da verdadeira vida econômica e social do homem e da influência do estilo real da vida do homem em seus pensamentos e sentimentos”. Nessa

mesma visão, de acordo com Marx, (apud FROMM,1983, p.21) sobre o seu método histórico; se diz:

A maneira pela qual os homens produzem seus meios de subsistência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios concretos de que dispõem e têm de reproduzir. [...] é, antes, uma forma definida de atividade desses indivíduos, uma forma definida de expressarem sua vida, um modo de vida definido por parte deles. [...] O que eles são, portanto, coincide com a produção deles, tanto com o que produzem quanto com o como produzem. A natureza dos indivíduos depende, assim, das condições materiais determinadas de sua produção.

Desta forma, o seu método materialista apresenta o trabalho e as relações sociais sem um olhar opressor e alienado do sujeito sobre a matéria, assim, distinguindo o materialismo histórico do materialismo em sua raiz.

Em vista disso, seu novo método não parte de uma interpretação sobre as ambições do homem pelo seu trabalho na busca de contemplar a suas necessidades, ou seja, como se fosse a maior “motivação psicológica” do homem o “ter” para suprir aquilo que lhe falta. Desta maneira, a chave para entender essa demanda histórica do sujeito é “a barriga do homem” e seu apetite material. Entretanto, de acordo com Erick Fromm (1983, p.22), “o erro fundamental em que se apoia esta interpretação é a suposição do materialismo histórico ser uma teoria psicológica concerne aos impulsos e paixões do homem”, em vista que, o materialismo histórico de Marx não é de caráter teórico psicológico, mas sim, traz em questão a afirmativa de que aquilo que o homem produz determina seu pensamento e não necessariamente está ligado como uma ambição primária de “ter”, mas, em suprir suas necessidade “quase-psicológicas” – comer, beber, vestir, moradia etc. - que são necessárias devido a estrutura em que os sujeitos estão inseridos.

Ainda nesse olhar, o materialismo histórico trazido por Karl Marx é um grande ganho científico para a sociedade contemporânea em destaque, em vista que, acontece uma sucessão de frutos políticos e históricos por meio desse método. De acordo com Lenin (1979, p.4), em seu artigo “As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas Do Marxismo”:

O materialismo histórico de Marx é uma conquista formidável do pensamento científico. Ao caos e à arbitrariedade que até então imperavam nas concepções da história e da política, sucedeu uma teoria científica notavelmente integral e harmoniosa, em consequência do crescimento das

forças produtivas, desenvolve-se de uma forma de vida social uma outra mais elevada, como, por exemplo, o capitalismo nasce do feudalismo.

### **3.RELAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS NO SISTEMA BRASILEIRO**

As relações sociais contemporâneas no sistema brasileiro são marcadas por um sujeito que oprime e um indivíduo que é oprimido. Dessa maneira, em uma sociedade vista por esses dois princípios o principal objetivo é alienar e controlar os sujeitos visando saciar as necessidades daqueles que estão no poder. Verifica-se isso, de acordo com Marx e Engels (2008, p.10) sobre a sociedade contemporânea no livro “Manifesto do Partido Comunista”; que diz:

A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classes [...], opressores e oprimidos, estiveram em contraposição uns aos outros e envolvidos em uma luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre com a transformação revolucionária da sociedade inteira ou com o declínio conjunto das classes em conflito.

De tal forma que a sociedade contemporânea sistema brasileiro, está marcada por essa guerra entre contrários, que tem como consequência o movimento moral e as mudanças sociais. Igualmente, como já visto o quanto esse conflito influencia na transformação estrutural da sociedade, os grandes desafios estão ligados ao caminho para o fim dessa guerra secular, na busca de se construir uma sociedade em que ambos os sujeitos possam ser livres e agirem em harmonia. Dentro dessa visão, tais relações de proletariado e burguesia vêm sendo construídas ao longo da história, na medida que o movimento da burguesia até a modernidade está na busca de demonstrar que “[...] é ela mesma o produto de um longo processo, moldado por uma série de transformações nas formas de produção e circulação. ” (MARX; ENGELS, 2008, p13).

Entretanto, essas “batalhas” geram uma enxurrada de mudanças que podem favorecer ou não as relações entre os indivíduos sociais, ou seja, podendo levar a uma certa libertação do oprimido e do opressor ou se tornando cada vez mais ditatorial e alienadora, assim, mostrando que “a maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são.” (ENGELS, FRIEDRICH, 2007, p.11). Em vista que a passagem do mundo feudal para o mundo capitalista, o qual rege a sociedade até os dias atuais, é um grande exemplo de



como o movimento histórico influencia e dita as regras da sociedade moderna e as suas relações.

### 3.1 RELAÇÃO OPRESSOR E OPRIMIDO

Dentro desta mesma perspectiva, a relação entre o indivíduo opressor e o oprimido se baseia na relação de poder, posse, domínio e acima de tudo na alienação. Haja em vista que o sistema de opressão é baseado em uma guerra de classes na sociedade entre o proletariado, oprimidos, pobres, escravos, submissos e alienados e a classe burguesa, opressora, rica e dona de todas as riquezas e da força de trabalho dos proletários.

Nessa visão, é notório que ao longo da história do Brasil a classe opressora busca sempre revoluções que trazem benefícios a si mesma e que gera, de uma certa maneira, um domínio sobre as relações sociais, de acordo com Marx e Engels sobre a classe burguesa no livro Manifesto do Partido Comunista que “A burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção, e, por conseguinte todas as relações sociais” (MARX; ENGELS, 2008, p.15).

Nesse sentido, a relação entre os opressores e os oprimidos se dá na busca da concretização das revoluções trazidas pela burguesia, na qual se oprime a classe mais pobre e inferior para alcançar o objetivo da revolução, que nada mais é do que agregar mais poder a si mesma. Dentro de uma visão histórica, tal opressão se estende por toda era feudal, com as trocas de mercadorias, estendendo-se até a sociedade brasileira atual sendo ferramenta de opressão e alienação para o mesmo objetivo. Friso ainda, que na sociedade feudal se trocava a mercadoria em um produto ou ferramenta de trabalho, já na sociedade contemporânea há uma mudança nessa estrutura, onde, se troca a mão de obra do sujeito em prol de um “bem-estar” e segurança familiar.

Permanecendo nessa perspectiva, as consequências desse processo histórico de acordo com Barbara Calçado (2017, p.1), sobre o a relação de opressão entre o proletário e o burguês; ocorre da seguinte maneira:

O dono do capital e de outros possuidores da força de trabalho, não é um fato natural, mas o resultado de um processo histórico anterior que causava uma situação de dominação, uma vez que aqueles que eram desprovidos dos bens de produção ficavam a mercê dos empregadores e, assim, de suas normas.

Tal relação traz uma falsa segurança aos sujeitos que se veem seguros e protegidos por seus opressores, mas, na verdade são apenas sujeitos oprimidos e domesticados pelos seus “senhores”, onde, “esses trabalhadores que são forçados a se vender diariamente, constituem uma mercadoria como outra qualquer [...]” (MARX; ENGELS, 2008, p.15), para saciar a necessidade de seus patrões, traçando assim, uma relação de posse sobre o indivíduo oprimido, onde, “A utilidade de uma coisa faz dela um valor-de-uso” (MARX, KARL, O capital, 2008, p.42)

Constata-se que, a relação entre esses dois sujeitos sociais é demarcada por uma desumanização, digo, essa comunicação possui dois lados que tiram a dignidade dos indivíduos: o lado do opressor, que busca a posse dos proletários, e o lado dos oprimidos, que buscam se libertar das amarras sociais da opressão e da alienação de si mesmos. Desta forma, “a violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos” (FREIRE, 1981, p.30), assim, a opressão retira do sujeito aquilo que é sua maior riqueza, a sua humanidade.

Por conseguinte, a relação entre os opressores e oprimidos é demarcada por uma grande busca de domínio e libertação que possui como resultado um caminho de desumanização que nada mais é do que a perda da consciência humana.

### 3.2 OPRESSOR E OPRIMIDO DENTRO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Dentro da sociedade contemporânea brasileira a relação de opressor e oprimido se manifesta de maneira bem clara pelos novos instrumentos de dominação presentes na sociedade vigente. Desta maneira, as relações entre esses dois polos divergentes na sociedade contemporânea se encontram definitivamente “ainda” no sujeito que almeja ser livre e no indivíduo que deseja o poder sobre o outro.

Desta forma, o opressor dentro da sociedade contemporânea do Brasil vê as pessoas como objeto de seu uso podendo ser descartadas a qualquer momento, caso não façam aquilo que a sua subjetividade apresenta como necessidade. Nesse mesmo olhar, é notório que os senhores em questão veem apenas os seus operários (oprimidos) como objetos, onde a base dessa relação será por meio desse olhar opressor.

Fica claro que o papel do opressor dentro da sociedade brasileira se tornou como um papel de consumidor, onde o patrão não compra apenas a força de trabalho dos operários, mas também a sua dignidade e vida, uma vez que, ele tem as suas “garras” tão adentradas na vida dos oprimidos que os dominam, oprimem, controlam e os aliena. Dentro dessa visão, “por isto é que, para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para êles, é ter e ter como classe que tem” (FREIRE, 1981, p.49), mostrando, assim, que o papel do opressor dentro da sociedade contemporânea do sistema brasileiro está ligado a uma consciência possessiva e opressora que “suga” a humanidade dos oprimidos.

Destarte, o papel do oprimido está ligado a uma perspectiva passiva e estagnada, na qual, o sujeito oprimido tem em sua consciência alienada e oprimida que deve estar a serviço do seu patrão (opressor) para saciar as suas necessidades. Em vista disso, o sujeito é determinado como objeto que não possui dignidade e nem identidade, se tornando apenas um instrumento que pode ser usado e descartado quando não serve mais. Assim, “[...] o homem se torna, pois, alienado a si mesmo [...]” (FREIRE, 1981, p.53) e dominado por seus opressores.

Nessa visão, o oprimido dentro da sociedade contemporânea brasileira se encontra nessa relação de submissão por meio de algumas instituições que possuem como resultado uma falsa interpretação de si mesmo e um processo alienatório e opressor, sendo que, de acordo com Paulo Freire (1981, p. 51) sobre essa alienação e a passagem do sujeito se tornando objeto; Vemos:

Quanto mais o homem transfere seus próprios poderes para os ídolos, tanto mais pobre ele fica e tanto mais dependente dos ídolos, pois estes só lhe permitem reaver pequena parte do que era originalmente dele. Os ídolos podem ser imagens de deuses, Estado, a igreja, uma pessoa, posses.

Dentro do que foi explanado, o papel do opressor e do oprimido dentro da sociedade contemporânea são distantes e divergentes e geram uma passagem do opressor que se torna oprimido, trazendo assim, uma perda gradativa da sua humanidade, subjetividade e dignidade.

### **3.2.1 Uma possível sociedade contemporânea brasileira alienada e oprimida ou não?**

Com a percepção de que os oprimidos e os opressores dentro da sociedade contemporânea brasileira são alienados, entra-se em evidência um levantamento se a sociedade é ou não alienada. Desta maneira, dentro da sociedade existem veículos e instrumentos que alienam o homem, como por exemplo, as instituições religiosas, estado, partidos políticos, escola, redes sociais e entre outros meios de alienação.

Nesse sentido, a sociedade é alienada e oprimida porque os indivíduos sociais – opressores e oprimidos - são explorados e alienados, assim, a maioria dos instrumentos da sociedade contemporânea brasileira “[...]transformam-se em meios de dominação e exploração dos produtores; [...]” (FROMM ,1983, p. 57). Desta forma, a sociedade é alienada e oprimida porque os seus indivíduos são explorados e desumanizados, uns mais que os outros como vimos nos escritos acima, mas, ambos estão dentro desse mesmo contexto. É notório perceber que na sociedade “ com a sua organização social e política correspondente, sob a dominação econômica e política da classe burguesa” (MARX; ENGELS,2008, p.19), os burgueses ditam as diretrizes da sociedade brasileira e suas leis, logo, vendo-a e tornando-a alienada e oprimida. Entretanto, os burgueses (opressores) perdem o controle sobre a sociedade e tornam-se alienados e oprimidos, pois, estão inseridos dentro de um contexto alienante que os influenciam, onde “mais parecem um feiticeiro que não consegue controlar os poderes subterrâneos que ele mesmo invocou” (MARX; ENGELS, 2008, p. 19).

Por essa mesma ótica, de acordo com Karl Marx e Friedrich Engels (2008, p. 19) sobre a sociedades antigas e a sociedade contemporânea; afirma-se que:

Todas as sociedades até agora se apoiaram, como vimos, no antagonismo entre classe dominante e dominadas [...] evidencia-se assim, abertamente,

que a burguesia é incapaz de permanecer por mais tempo como classe dominante e de impor à sociedade, como leis supremas, as condições de sua própria existência.

Assim, demonstra-se que a sociedade vive essa alienação e opressão desde do seu primórdio e que ao longo do tempo existia uma classe dominante. No entanto, agora todos os sujeitos sociais estão inseridos dentro de uma mesma realidade, onde o que rege não é mais os interesses dos burgueses, mas sim do mercado e da economia.

### **3.2.2 Limites impostos por uma sociedade opressora e alienadora**

A sociedade do Brasil, por ter um caráter alienatório, automaticamente, gera em si meios que limitam o sujeito. Esses, por seu turno, que atingem ativamente a vida dos sujeitos oprimidos que estão inseridos em seu contexto, tendo em vista que a queda do mundo feudal e a ascensão do capitalismo apresentou uma falsa imagem de que a sociedade é livre e que não possui mais nenhum meio de opressão sobre os sujeitos. Entretanto, a “sociedade capitalista viu a luz do dia, tornou-se imediatamente claro que essa liberdade representava um novo sistema de opressão e exploração [...]” (LENIN, 1979, p. 1), digo, essa sociedade retirou o regime feudal de campo e trouxe uma nova identidade alienada e opressora.

Nesse viés, os limites impostos pela sociedade contemporânea brasileira passam de certa moralidade a uma falsa visão de poder sobre as coisas e sobre os sujeitos, sendo que os homens sociais sempre são submetidos a um poder ou uma instituição, uma vez que como diz o político revolucionário Vladimir Ilyich Ulianov (apud LENIN, 1979, p. 1) sobre o indivíduo oprimido que experimenta e vive dentro dos limites impostos da sociedade, vemos que:

Os homens sempre foram em política vítimas ingênuas do engano dos outros e do próprio e continuarão a sê-lo enquanto não aprendem a descobrir por trás de todas as frases, declarações e promessas morais, religiosas, políticas e sociais, os interesses de uma ou de outra classe.

Desta forma, a sociedade que é governada por aqueles que tem o “poder” de opressão, vive em uma constante implantação de regras religiosas, políticas, morais, éticas, para que mantenham-se firmes os “muros” que garantem a organização

social da sociedade brasileira na mão dos opressores, ou seja, “O poder do Estado moderno não passa de um comitê que administra os negócios comuns da classe burguesa como um todo” (MARX; ENGELS, 2008, p. 19).

Desta maneira, fica-se evidente que a sociedade contemporânea do Brasil é consolidada por limites que favorecem a burguesia e que continua “mascarando” os seus instrumentos de alienação e opressão dos sujeitos por meio das instituições de ensino moral e ético, religioso, onde, o caminho para “vencer a resistência dessas classes só há um meio: encontrar na própria sociedade que nos rodeia, educar e organizar para a luta, os elementos que possam — e, pela sua situação social, devam — formar a força capaz de varrer o velho e criar o novo” (LENIN, 1979, p. 1).

### **3. CAMINHO DE LIBERTAÇÃO DO OPRIMIDO E DO OPRESSOR**

O caminho para se combater a opressão e alienação dos sujeitos é o grande desafio da sociedade contemporânea brasileira, no qual o indivíduo busca de uma maneira ativa a sua libertação e a sua dignidade. Nesse sentido, o homem busca retomar seu papel de sujeito, deixando de ser objeto de uso dos seus opressores, digo, “ ele não está interessado primariamente na igualação de renda. Está interessado na libertação do homem de um gênero de trabalho que destrói sua individualidade, converte-o em coisa, e torna-o escravo de coisas” (FROMM, 1983, p. 57), sendo esse combate à alienação e à opressão o seu maior objetivo na sociedade contemporânea em destaque.

Desta forma, fica claro que o objetivo apresentado reflete uma busca dos sujeitos a se libertar e transformar a sociedade, numa tentativa de libertar não só os oprimidos, mas, também os opressores, ou seja, para que todos os seres humanos possam fazer a retomada da sua consciência e de seu potencial possam voltar a ser livres e humanizados.

Desta maneira, o processo de libertação acontece quando o sujeito é capaz de perguntar a si mesmo e se confrontar com a realidade oprimida que o tornou escravo, coisa e objeto das coisas criadas por ele e das circunstâncias da sua submissão e da sua negação. Assim, para se libertar desse sistema opressor

burguês “O proletário percorre diversas etapas em seu desenvolvimento. Sua luta contra a burguesia começa com a sua própria existência” (MARX; ENGELS, 2008, p. 23).

Por conseguinte, os sujeitos traçam o caminho da sua libertação, buscando a suas origens, sendo que, de acordo com Marx e Engels no livro “Manifesto do Partido Comunista” sobre uma interpretação baseada no caminho da libertação dos oprimidos e alienados, “eles não dirigem seus ataques apenas contra as relações burguesas de produção, mas contra os próprios instrumentos de produção [...] procuram reconquistar a posição perdida do trabalhador na Idade Média” (2008, p. 24), e assim ir traçando um caminho que o liberte de todas essas amarras sociais implantadas ao longo da história contra os oprimidos da sociedade.

### 3.1 O MEDO DA LIBERDADE

Para bem iniciar esse tópico se faz necessário que antes se conceitue de maneira breve o que é a liberdade, sendo que, de acordo com Orson Camargo sobre o conceito de liberdade, o sociólogo afirma que “[...] em sentido geral, o termo liberdade é a condição daquele que é livre; capacidade de agir por si próprio; autodeterminação; independência; autonomia [...]”. Dessa forma, o sujeito que possui medo da liberdade está preso apenas nas consequências negativas dessa, assim, o mesmo se encontra com um pensamento herdado de seu opressor e teme se tornar protagonista de sua própria vida.

Nesse sentido o caminho de libertação para os sujeitos oprimidos, possibilita uma certa quebra da consciência do oprimido sobre o conceito de liberdade, entretanto, o sujeito e seus antecessores viveram tanto tempo oprimidos que sentem medo da liberdade e da autonomia que ela traz. Sendo assim, ainda há resquício de uma concepção negativa que é intrigante para o sujeito que almeja libertar-se, sendo assim, a sua passagem de escravo para um homem livre das amarras sociais se torna um grande desafio para o homem. Igualmente, de acordo com o filósofo e escritor contemporâneo Paulo Freire em seu livro “A Pedagogia do Oprimido” (1981, p. 31) sobre o medo da liberdade que os sujeitos possuem; se diz:

O “medo da liberdade”, de que se fazem objeto os oprimidos, medo da liberdade que tanto pode conduzi-los a pretender ser opressores também,

quanto pode matê-los atados ao status de oprimidos [...] Este medo da liberdade também se instala nos opressores, mas, obviamente, de maneira diferente. Nos oprimidos, o medo da liberdade é o medo de assumi-la. Nos opressores, é o medo de perder a liberdade de oprimir.

Em vista que, tanto o opressor quanto o oprimido temem as perdas que esse processo de libertação traz, afinal, ambos têm os seus motivos para lutar e defender seus interesses, é necessário que ocorra esse processo de libertação de ambos para que aconteça uma humanização dos burgueses e dos proletários. Desta forma, o oprimido é obrigado a se adequar a um novo processo de vida, onde não necessita mais da sombra de seus opressores que preenchia de certa maneira as suas “necessidades”, agora de acordo com Paulo Freire “exigiria deles que “preenchessem” o “vazio” deixado pela expulsão, com outro “conteúdo” – o de sua autonomia” (FREIRE, 1981, p. 35) ,ou seja , o indivíduo necessita descobrir a sua essência novamente e começar a encher-se de si mesmo, da sua humanidade e de sua subjetividade e não mais a do seu “senhor”.

Nesse sentido, “a liberdade que é uma conquista, e não uma Joaço, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz” (FREIRE, 1981, p. 35), digo, o sujeito oprimido que almejou a liberdade e a conquistou, mas agora a teme, deve continuar a busca incessante por si mesmo, já que “a libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce dêste parto é um homem nôvo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos” (FREIRE, 1981, p. 36).

Além disso, é notório que essa construção de si mesmo a partir de sua libertação gera no sujeito uma superação, onde “o surgimento do homem novo- não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se” (FREIRE, 1981, p. 36). De tal maneira que os oprimidos passam a ter “[...] liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se. Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina ” (FREIRE, 1981, p. 60), mas sim, um sujeito constituído de dignidade e humanidade que teme a liberdade e que insiste em se construir como sujeito livre e consciente.

### 3.2 MATERIALISMO HISTÓRICO COMO CHAVE DE LIBERTAÇÃO DO SUJEITO



Como vimos o materialismo histórico se tornou a grande chave de Marx para o processo de libertação dos sujeitos oprimidos e da busca de se recuperar a humanidade desses oprimidos. De tal forma que “só o materialismo filosófico de Marx indicou ao proletariado a saída da escravidão espiritual em que vegetaram até hoje todas as classes oprimidas” (LENIN ,1979, p. 4), ou seja, o materialismo histórico trazido pelo filósofo é a chave que abre as portas da liberdade, assim, anunciando o caminho que guia à saída da “caverna” social alienada e opressora da sociedade contemporânea brasileira.

Nesse mesmo âmbito, como foi visto anteriormente, os instrumentos de opressão são apresentados por algumas instituições sociais, sendo que a mais visível está ligada a perspectiva do trabalho e do seu processo alienador, assim, de acordo com Bárbara Calçado (2017, p.1) “ Karl Marx entendia que o trabalho deveria ser humanizado, não alienado, digno, que garantisse ao ser humano a satisfação das suas necessidades, racional e que constituísse na principal força na vida dos indivíduos”, ou seja, vemos que dentro da sociedade contemporânea do Brasil o trabalho não possui essas características ,mas sim , o contrário delas que é oprimir, desumanizar, alienar e transformar em ferramenta os sujeitos. Desta forma, o materialismo histórico oportuniza uma libertação desses sujeitos oprimidos, sendo necessário que o trabalho seja livre e que abranja a necessidade dos sujeitos de se expressarem e de se humanizarem por meio do seu trabalho.

Dentro dessa visão, por meio do materialismo Marxista, vemos que “a história é o movimento de um conteúdo, engendrando diferenças, polaridades, conflitos, problemas teóricos e práticos e resolvendo-os (ou não)” (MASSON, 2007, p.107), sendo assim, por meio da história o sujeito vai retomando a sua identidade e vai se percebendo como pessoa humanizada e não mais como objeto de seus opressores, na busca de se encontrar uma resposta para o seu caminho de libertação e ir se libertando dessa sociedade marcada pela soberania dos burgueses ,ou seja , “ libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” ( FREIRE, 1981, p. 32).

Entretanto, é notório que esse caminho de libertação do sujeito pelo materialismo histórico é algo subjetivo a cada sujeito, mas que também possui uma faceta ligada a um âmbito comunitário. Em vista que, de acordo com o filósofo e escritor

contemporâneo Paulo Freire (1981, p. 31) sobre o caminho de libertação do oprimido em seu livro a “Pedagogia do Oprimido”; vemos que:

[...] esta luta tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos [...] Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos.

Desta maneira, o sujeito que busca se libertar não se pode tornar-se igual ao seu opressor e nem o “largar para trás”, deve o aglutinar em seu processo de libertação. De igual forma, percebemos que o objetivo desse processo é a “grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos - liberta-se a si e aos opressores [...]” (FREIRE,1981, p.31), para que possam assim transformar a sua realidade social e alcançar as suas metas, digo, “lutando pela restauração de sua humanidade estarão, sejam homens ou povos, tentando a restauração da generosidade verdadeira” (FREIRE,1981, p.31).

Para enfatizar, é claro que o caminho de emancipação do sujeito é um caminho de mão dupla, digo, em uma perspectiva em que o sujeito busca a liberdade de si mesmo e de seus opressores, onde é necessário que ele mude a sociedade brasileira no qual está inserido na medida que todos os sujeitos sejam livres dessas amarras sociais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo possui como reflexão e objetivo trabalhar as relações sociais que predominam na sociedade contemporânea brasileira. Dessa forma, com o objetivo de responder à pergunta chave de como as relações sociais sustentam um sistema opressor e alienador na sociedade contemporânea, traça-se um caminho de reflexão sobre a sociedade vigente a partir do conceito de materialismo histórico do filósofo Karl Marx.

Por tal ótica, durante o percurso da execução dessa pesquisa, fica claro que houve um desvendamento sobre como as relações sociais de poder, alienação e opressão transformam a sociedade em um contexto de aprisionamento daqueles que estão à margem da sociedade e que de certa maneira são submissos ao poder do mercado

e dos “opressores da sociedade contemporânea do Brasil”. Na medida que se tem dentro da sociedade em destaque instrumentos que auxiliam em tal processo como vimos ao longo desse artigo, assim, fica-se claro que a sociedade é alienada e carrega tais instrumentos em seu movimento moral e histórico tendo uma raiz opressora e soberana sobre os indivíduos.

Além disso, é explícito que os sujeitos perderam, na sociedade contemporânea em brasileira, a sua identidade em detrimento das necessidades materialistas e empresariais, aqui, me referindo às relações de poder que alienam o sujeito na busca de suprir a necessidades de seus opressores chegando a uma conclusão clara de como os sujeitos são vistos como objetos de uso por aqueles que estão em posição de “poder”. Sendo que, por meio do materialismo histórico e da dialética marxista, usados como instrumento libertador para demonstrar e propor uma retirada dessas bases opressoras da sociedade contemporânea do Brasil e suas amarras sociais, fica claro, que o artigo apresenta uma reflexão que surge como proposta para que se analise mais a fundo esses sistemas que foram elucidados ao longo dessa pesquisa.

Portanto, é possível notar que o artigo presente com o tema “Uma leitura das relações sociais contemporâneas a partir do materialismo histórico de Karl Marx” com o subtítulo “Análise do contexto social da realidade brasileira”, apresenta dados que servem para futuros trabalhos sobre a sociedade contemporânea brasileira para a área de filosofia e as ciências que possuem e como viés os estudos das relações sociais em destaque.

## REFERÊNCIAS

CALÇADO, Barbara. **Karl Marx e o trabalho na sociedade contemporânea**: Para Marx, trabalho deveria ser humanizador, mas, no capitalismo, é o contrário. Como mercadoria é alienante, explorador, humilhante e monótono. Minas Gerais: Univicosa, 2017. Disponível em: <https://univicosa.com.br/uninoticias/noticias/karl-marx-e-o-trabalho-na-sociedade-contemporanea>. Acesso em: 09 mar 2021.

CAMARGO, Orson. "**Liberdade**"; Brasil Escola. Disponível em:  
<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/consciencia-e-liberda-humana-texto-2.htm>,  
acesso em: 31 maio 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10.ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FROMM, Erich. **Conceito Marxista do Homem**. Apêndice Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844 de Karl Marx. 8.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1983.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAVOURA, T. N.; MARTINS, L. M. **Marxismo e teoria da literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LENIN, V. I. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. São Paulo: Global Editora, 1979 (Coleção Bases n.09). Disponível em:  
<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1913/03/tresfont.htm>. Acesso em: 09 mar de 2021.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política – o processo de produção do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

*MARX, Karl. Manifesto do partido comunista. 1ª Edição. São Paulo: Expressão popular, 2008.*

MASSON, Gisele. **Materialismo Histórico e Dialético: uma discussão sobre as categorias centrais**. Santa Catarina: UEPG, 2007. Disponível em:  
[http://ri.uepg.br/riuepg/bitstream/handle/123456789/428/ARTIGO\\_MaterialismoHistorioDial%c3%a9tico.pdf?sequence=1](http://ri.uepg.br/riuepg/bitstream/handle/123456789/428/ARTIGO_MaterialismoHistorioDial%c3%a9tico.pdf?sequence=1). Acesso em: 09 mar de 2021.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial, o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

